

O CORAL, UNS INVISÍVEIS

Ieda Magri (UERJ)

Manoel Ricardo de Lima (UNIRIO)

Toda perspectiva é um lance incerto entre a profundidade e a superfície ou estamos diante de uma “aparência de ordem em relação a períodos mais vastos” ou, ainda, que uma combinação regular está sempre “irregularmente distribuída” num espaço-tempo. Algo dessa projeção de Paul Valéry *com* Leonardo da Vinci, para sair de um pensamento em linha reta numa tentativa de dar espessura ao espaço e ao tempo, é o que também se procurou projetar nessa irregularidade sem esqueleto desses textos ensaiados em torno de uma ideia *por* algum coral e suas invisibilidades.

As escolhas tem a ver, numa suspeita, com uma busca jovem e vagabunda e, ao mesmo tempo, com algo um pouco envelhecido, como todos nós, mais ou menos como Chaplin projetava a vida e seus impasses de real. Se o *coral* — cnidário, simétrico e tentacular — escapava ao modo classificatório, animal sem centro, podemos imaginar alguma potência, mínima que seja, naquilo que não começa pelo centro, mas por um exterior extremo que avança por contato e nos faz atravessar certas coisas com alguma atenção. Outros nomes, outros sentidos, evacuar territórios, desfazer mapas, enganar a arte, manter as perguntas respirando.

Manoel Ricardo de Lima